

# Saindo do nevoeiro: contribuições neosistêmicas e pós-estruturalistas para as teorias organizacionais

Josep Pont Vidal<sup>1</sup>

## Resumo:

Apresento uma explanação introdutória a partir das recentes contribuições das correntes conceituais neosistêmicas, pós-lumanianas e pós-estruturalistas. Elas são identificadas e analisadas em três partes. Na primeira seção, são apresentadas algumas publicações de Luhmann que abordam diretamente o estudo das organizações, bem como é apresentado o debate gerado a partir de sua teoria. Na segunda seção, é apresentado o diálogo recente a partir das publicações da Sociologia e da Filosofia. A partir delas, focalizamos o vínculo sociedade-estado, onde o construtivismo social aparece como um nexos ou instrumento teórico conceitual transversal, que permite o diálogo entre os dois conceitos teóricos distintos. Na terceira seção, são expostas algumas contribuições recentes de abordagens neosistêmica e pós-estruturalistas. Por fim, analiso a convergência da Teoria Ator-Rede com essas correntes conceituais.

**Palavras chave:** Teoria de sistemas autorreferenciais; Pós-estruturalismo; Teorias neosistêmicas.

## Coming out of the fog: neosystemic and poststructuralist contributions to organizational theories

## Abstract:

We present an introductory explanation with recent contributions from neo-systemic, post-Lumanian and post-structuralist conceptual currents. We performed the identification and analysis in three parts. First, a brief introduction to some of Luhmann's publications that directly address the study of organizations is presented, as well as his theory and the subsequent debate it generated (first section). In the second section, the recent dialogue based on the publications of Sociology and Philosophy is presented. In these we focus on the society-state link, in which social constructivism appears as a nexus or transversal conceptual theoretical instrument that allows the dialogue between the two distinct theoretical concepts. After that, some recent neo-systemic and post-structuralist contributions are exposed. Finally, we stop to analyze the convergence link of Actor-Network Theory with these conceptual currents.

**Keywords:** Theory of self-referential systems; Poststructuralism; Neo-systemic theories.

## Introdução

A ação é o aspecto central para o estudo das organizações e para a sociologia em geral. Ela tem sido objeto de diferentes interpretações, descrições e posicionamentos hierárquicos nas arquiteturas teóricas e nas Teorias Organizacionais (TO). Os três supostos conceituais, a seguir, constituíram as bases sobre os quais se desenvolveram a maioria das correntes conceituais posteriores: ação comunicativa (Habermas), entendimento comunicativa (Luhmann) e comunicação além da linguagem (Deleuze). Neste artigo, deter-me-ei no entendimento

<sup>1</sup> Graduado em Sociologia - Universitat Bielefeld - Alemanha (1986), Mestrado em Sociologia Política - Universitat Bielefeld (1987), Doutorado em Sociologia Política na Universidad de Barcelona (1997), Pós-Doutorado Universidade Politécnica da Catalunha.

sobre o tema da comunicação e suas consequências epistemológicas nas correntes neossistêmicas e pós-estruturalistas. Dentro dessas correntes, surgiram polêmicas e debates que atribuem a ação (humana) um papel central na sociedade, que atribuem outra semântica à pessoa e à ação. Ambas partem de premissas gerais que compreendem as organizações como sistemas complexos e interdependentes na modernidade, do novo contexto que veio se denominar pós-modernidade (Chia, 2005; Hancock; Tyler, 2001) e o deconstrucionismo pós-estruturalista não materialista (Derrida, 1989).

Entre as teorias neossistêmicas para o campo epistemológico das TO, a teoria de sistemas autorreferenciais elaborada por Niklas Luhmann tem sido uma das mais frutíferas. Sua contribuição é decisiva para superar as limitações da lógica de sistema abertos que é baseada no binômio *inputs* e *outputs* em sistemas basais, e os descreve a partir de suas operações autorreferenciais internas e comunicativas externas com o meio (LUHMANN, 2005; 2010; 1992; 1986; 1984; 1964).

Desde a década de 1990, tem sido publicados, na teoria organizacional (TO), estudos que podem ser definidos como pós-luhmannianos (NASSEI, 1993; CATHALIFAUD, 2000; ROBLES, 2002). Esta produção tem se ampliado, gradualmente, nos últimos anos (RODRÍGUEZ-MANSILLA, 2015; VIDAL, 2021; 2015a, 2015b; SEIDL, BECKER, 2006; DREPPER, 2006; BAECKER, 2006, entre outros).

Esta multiplicidade de paradigmas e correntes tem despertado o que alguns se referem como um *paradigm soup* (HASSARD; COX, 2013, p.3) em um contexto de *past postmodernism* (CALÁS; SMIRCICH, 1999; HOLMES, 1990, p. 198-314). O termo comum entre estes paradigmas pode ser resumido como deconstrucionismo, no qual a ideia da natureza humana, entendida como o sujeito autônomo, adquire uma centralidade para as observações nas organizações.

Tendo em vista este cenário, o presente trabalho está inserido na área de conhecimento da TO e me detenho na questão *de como é realizada a ideia e a descrição de pessoa, e como ela se relaciona com as premissas de reformulação da sociedade e sua*

*concepção teórica na TO*. A identificação e releitura desses aspectos, oportuniza um esboço e reformulação de outros comentários sobre a ideia de ser humano nas organizações desde a perspectiva neossistêmica e pós-luhmanniana.

O objetivo deste artigo é, portanto, introduzir e apresentar o estado da arte da produção acadêmica recente de orientação neossistêmica e pós-estruturalista, sobre as organizações, e que se baseiam em conceitos sistêmicos luhmannianos. Para isso, primeiramente, introduzo, brevemente, algumas publicações de Luhmann que abordam diretamente o estudo das organizações, e como elas são tratadas em sua teoria. Na segunda seção, esse diálogo recente é, então, explicado a partir das contribuições do construtivismo social, que aparece como um nexos ou instrumento teórico conceitual que permite o diálogo entre os diferentes conceitos teóricos (ou universos<sup>2</sup>). Por fim, são expostas algumas contribuições neossistêmicas e pós-estruturalistas, em particular, onde repousa um vínculo de convergência da Teoria Ator-Rede com as correntes conceituais mencionadas.

### 1. Niklas Luhmann e o estudo das organizações

A teoria de sistemas autorreferenciais (autopoieticos) de Luhmann pode ser definida como uma teoria construtivista baseada em diferenças e cuja vantagem operativa situa-se na possibilidade de poder ser abordada a partir de conceitos procedentes de diferentes áreas do conhecimento e a partir de diferentes perspectivas teóricas. Dada a extensão e amplitude de sua obra, nos limitaremos apenas a oferecer algumas referências bibliográficas centrais, em que faz referência explícita à sua concepção de “humano” em relação direta com as organizações. Por outro lado, sua obra se refere frequentemente as organizações, principalmente em *Organisation und Entscheidung* publicado em 2006 (em espanhol, *Organización y Decisión*, 2010)<sup>2</sup>, assim também nos limitaremos a analisar de forma sucinta esta publicação.

Para sua aplicação na Teoria organizacional em termos gerais, a obra de Luhmann fornece três grandes possibilidades de observação da complexidade e dos problemas derivados dela<sup>3</sup>: 1) A *complexidade*,

<sup>2</sup> Também no artigo N. Luhmann “Autopoieses, Ação, e Compreensão Comunicativa” *Zeitschrift für Soziologie*, 11, 1978. O livro em castelhano de Luhmann *Organización y decisión. Autopoesis, acción y entendimiento comunicativo*, 1997 recolhe este artigo e outra breve publicação.

<sup>3</sup> Outros autores ampliam as possibilidades aplicáveis a TO: organizações como sistemas autopoieticos, operações organizacionais

desdobrada em três diferenciações: finalidade, ação e sistema-médio; 2) A *autopoiesis* de sistemas emoldurada na diferença entre evolução, comunicação e diferenciação; 3) O *acoplamento*, ou as relações entre os sistemas e o meio. Um quarto, não diretamente vinculado a TO, mas a teoria em geral faz referência as possibilidades da observação e do observador, que significa um ponto de partida da forma teórica sistêmica na delimitação do sistema (LUHMANN, 2006).

Não nos deteremos aqui a expor os antecedentes epistemológicos e teóricos destes conceitos, já analisados por muitos estudiosos e que por sua complexidade e extensão supera os objetivos deste trabalho, mas nos que interferem diretamente na TO. Sua proposta metodológica abre uma série de projeções para a análise dos sistemas sociais em perspectivas diferentes.

A primeira premissa se refere a mesma formulação da teoria de organização e aos possíveis cruzamentos de ideias coincidentes com os postulados construcionistas. Na perspectiva dos sistemas autorreferenciais de Luhmann, já se pressupõe que a teoria de organização deve ser “formulada” com a “ajuda de uma espécie de redução fenomenológica” (LUHMANN, 1997, p. 45). Com esta premissa surgem algumas perguntas: Há que se refere com esta afirmação? Não se remete ao nível filosófico do conhecimento (ou ao estabelecimento de verdades essenciais) mas que toma a ideia de *Lebenswelt* (mundo de vida ou o mundo da vida cotidiana) do filósofo Edmund Husserl e do sociólogo Alfred Schütz, existe um mundo intersubjetivo em que as pessoas criam a realidade social e que por sua vez está sujeita as restrições que exercem as estruturas sociais.

Para Luhmann o ser humano é des-ontologizado e transformado em um conjunto de processos de decisões, cujas consequências implicam mudanças nas decisões. Embora a ideia de ser humano permaneça difusa, também reconhece que ao aceitar as decisões dos participantes no sistema através da seleção e supervalorização, deve existir um “mínimo” de realidade fundamentada no psíquico que caracteriza o humano. As operações do sistema psíquico e o sistema consciência, embora entendidos como sistemas autopoieticos e, portanto, operativamente fechados deverão garantir o mínimo de reconhecimento físico de uma pessoa ou assunto.

As organizações são “sistemas sociais que se permitem tratar o comportamento humano” (LUHMANN, 1997, p.45). A sentença não inclui que os seres humanos façam parte essencial das organizações, mas simplesmente reconhece sua existência e os situa operativamente e hierarquicamente na periferia do sistema denominado sistema organizacional. Apesar desta afirmação incisiva, já adverte que não emprega o conceito no sentido “estrito” da filosofia fenomenológica de Husserl. Sua utilização se distancia da redução fenomenológica do conhecimento e de sua transcendentalidade, assim como as “garantias essenciais” descritas pelo filósofo para utilizá-lo e aplicá-lo no sentido de mundo da vida cotidiana (*Lebenswelt*). Em sua perspectiva de sistemas autorreferenciais define inicialmente a organização de forma “circular” e em suas funções e operações como autorreferencial: “um sistema que se produz como uma organização” (LUHMANN, 2010, p. 68).

Ao definir de que forma acontece, é necessário apresentar algumas decisões teóricas que o especifiquem. Destaca a possível convergência com o interacionismo simbólico, ao qualificá-lo como “muito perto” como acontece também com as teorias da interpretação hermenêutica da realidade. O distanciamento semântico e conceitual se dirige em especial “a pressupostos behavioristas (Herbert Mead) ou subjetivistas” (LUHMANN, 2010, p. 78). Em outro texto sobre as organizações, escreve: “a realidade social de decidir em organizações é interpretada, por conseguinte como a única aceitação ou suposição ou sugestão dos participantes no sistema” (LUHMANN, 1997, p. 45). Em suma, o ser humano em um sentido de um sistema de consciência aparece sob a descrição de pessoas que tem um comportamento que influenciam o sistema.

A segunda premissa é a comunicação. Para Luhmann não é um fenômeno individual como tem sido habitualmente tratado na sociologia, mas que é sempre um fenômeno social. No artigo *Wie ist Bewusstsein na Kommunikation beteiligt* (1995) (como participa a consciência na comunicação?) reflete sobre o problema da participação do sistema consciência com as possibilidades de comunicação. O sistema consciência funciona como um meio, mas não um meio em si (*an sich*) (LUHMANN, 1995, p. 44) mas

---

básicas, produção de informação, produção de médios, produção de membro de pessoas, produção das estruturas, intervenção organizacional e cultura e mudanças organizacionais, Marcelo Arnold, 2008.

de forma autorreferencial, ou seja, na terminologia paradoxal como um intermediário. Desta forma o sistema consciência se limita apenas a estruturas linguísticas que produzirão “estados de consciência”. Em sua descrição da comunicação significa que não é uma (transmissão de um objeto para outro objeto como defendem as teorias da ação), mas que é a síntese de três seleções. A operação tem lugar entre o *alter* e o *ego*, embora não estejam vinculadas as ações nem do *alter* e nem do *ego*. Dario Rodríguez (2010) esboça uma síntese da comunicação luhmanniana que se configura como: a seleção de uma informação; a seleção de uma forma de “dar-lhe- a- conhecer”. O *alter* seleciona o meio (escrita digital oral) em que a informação é dada-a-conhecer; a seleção da compreensão. Esta operação inclui também a compreensão.

A terceira premissa faz referência a diferenciação sistêmica. Luhmann diferencia três níveis: os sistemas funcionais parciais diferenciados, sistemas de interação e sistemas organizacionais. Embora o envolvimento funcional e operativo entre esses três, para os objetivos de nosso trabalho esboçaremos este último.

Os sistemas organizacionais ou organizações – e também os sistemas de interações – surgem da complexidade social das sociedades atuais. Correspondem a soma de sistemas de interação, e orientam sua comunicação a um fim específico. Desenvolvem atividades para satisfazer metas específicas e muitas das necessidades humanas. Cumprem também determinadas funções na sociedade. Os sistemas organizacionais (a partir de uma visão integrativa) assumem funções especiais de diferente alcance e se manifestam principalmente nos limites dos sistemas parciais sociais com funções específicas como os Tribunais de Justiça, associações de pais de alunos, ou também as fundações ou grupos específicos, como podem ser as instituições de permanência de pessoas de terceira idade. Os sistemas organizacionais também se manifestam de forma transversal, correspondendo a diferentes sistemas do conflito.

Em síntese, as três premissas descritas que se vinculam diretamente com a TO, em que o ser humano aparece fora da organização. Uma organização distingue-se em respeito aos outros sistemas autopoieticos como conjuntos de decisões que permitem absorver a incerteza.

### 1.1. Contribuições pós-luhmannianas

Entre as publicações que denominamos como pós-luhmannianas é possível diferenciar entre os estritamente seguidores da teoria de Luhmann (ortodoxos), dos que se aprofundaram em observações e análises específicas de diversas áreas da sociedade (WILLKE, 2000; STICHWEH, 1998), e dos que abriram linhas de diálogo com outras correntes construtivistas estruturalistas (diálogo com Bourdieu, Nassei e Wollman) e com o pós-estruturalismo sistêmico construtivista (VIDAL, 2015). No conjunto destas contribuições a ideia ontológica aparece e se manifesta com diferentes nuances, sensibilidades e possibilidades (JACKSON; CARTER, 2007).

No último quarto de século, a teoria de sistemas autorreferenciais de Luhmann tem sido objeto de novas leituras e reformulações de alguns de seus conceitos, de tal forma que hoje em dia é possível falar de enfoques mais ou menos ortodoxos, o qual nos permite referir a um conjunto de correntes ou interpretações pós-luhmannianas. Em um plano epistemológico se abriu um diálogo com a filosofia e com outros conceitos pós-estruturalistas.

No entanto, na maioria dos casos tem sido a busca e explicação de seus fundamentos com poucas novas contribuições teóricas. No Brasil em particular, na última década foram inúmeras as publicações fundamentadas na teoria luhmanniana (principalmente no campo jurídico). Destacam também as teses de doutorado e dissertações de mestrado, porém essa teoria ainda é restrita para pequenos círculos acadêmicos. As causas são diversas, embora se destaque que as principais obras de Luhmann só recentemente foram traduzidas e publicadas em português. Não podemos nos debruçar sobre este tema aqui, pois vai além dos objetivos deste artigo. Mas é um argumento secundário que reforça a importância deste artigo em termos de divulgação da teoria.

Em uma perspectiva dirigida, a busca de respostas entre o estruturalismo funcional e a teoria de sistemas sociopoieticos, em diversas publicações têm sido utilizados conceitos que podem oferecer novas semânticas as respectivas limitações. Os trabalhos dos últimos anos compreendem uma gama de estudos a partir da ótica filosófica do paradigma de autopoieses e as contradições surgidas (ELDER-VASS, 2007), os problemas operacionais derivados da comunicação

entre os sistemas psíquicos (OCAMPO; ZITELLO, 1995) e as tensões epistemológicas surgidas como consequências de relegar a ação social na teoria de sistemas (GRÉVE, 2007). Neste contexto, são ainda escassas as observações empíricas baseadas em conceitos sistêmicos (VIDAL, 2013: 2010). O Ponto de vista convergente tem coincidido com a ideia de dupla observação, ao estabelecer simultaneamente as noções de *sistema e campos de ação*, e a compreensão das estruturas nos conceitos de *habitus e campo* de Bourdieu (NASSEHI; NOLLMANN, 2004).

Estudiosos desta teoria tem aberto possibilidades de diálogo não apenas no pensamento de Luhmann, mas também com os avanços do debate teórico pós-estruturalista e a teoria sociológica, aprofundando os escritos de filósofos sociais (Gilles Deleuze, Michel Callon) de sociólogos (Scott Lash) e na área da filosofia da ciência (Bruno Latour) ao propor conexões conceituais e semânticas com as possibilidades da *performatividade* e com a sociologia econômica e cultural (FARIAS; OSSANDÓN, 2006). Na perspectiva neosistêmica destacam diversas propostas sobre o questionamento da idoneidade e operabilidade da ideia de “encerramento operacional” luhmanniano nas organizações (WILLKE, 1993), a abertura e aplicação em âmbitos sociais como o debate inclusão/exclusão (STICHWEH, 2005; NASSEHI, 2004) e as propostas das tentativas de ontologizar a teoria mediante operações de comunicação do sistema consciência e sistema psíquico e a organização hierárquica dos sistemas (VIDAL, 2005), a seguir.

As tentativas de atribuir ao observador um *status* ontológico ao colocá-lo fora da lógica sistêmica, ou de atribuir uma lógica indicial no sistema fundamentada na etnometodologia, não tem dado uma resposta suficientemente clara ao integrar o *ego*, e o *alter ego*. A proposta da subjetividade e a consciência em comunicação com outra subjetividade autorreferencial se encontra, todavia em fase inicial. Tão pouco se tem conseguido que a construção autorreferencial possa assumí-la como parte integrante em suas operações. Nos últimos anos são recorrentes as observações (e teses Doutorais) que incluem a subjetividade dos atores por meio de introduzir na arquitetura sistêmica a ideia de resiliência social. A opção de colocar um observador fora da lógica de sistemas autopoieticos, é um caminho raramente analisado para expressar uma subjetividade frente a uma descrição autorreferencial.

A tentativa de atribuir a ideia de autopoieses luhmanniana uma lógica de auto indexabilidade (“autopoieses indicial”) que pretende explorar a possibilidade de inclusão do conceito de “indexabilidade” proveniente da etnometodologia e os estudos de conversação de Harold Garfinkel. A proposta se realiza mediante a identificação do fechamento de suas operações e os processos relacionais na contextualidade de suas operações sistêmicas. Estas se produzem mediante a interação, e consideram a existência de uma autopoieses *sui generis* como propriedade dos sistemas de interação como “redes complexas” (ROBLES, 2004).

A ideia de estabelecer um diálogo entre a teoria de sistemas autorreferenciais e outros enfoques autorreferenciais e a filosofia analítica (ou positivismo lógico) está também inacabada. Se trata de uma tentativa de responder a filosofia da linguagem e em especial com a virada linguística estrutural iniciada por Rorty. O rompimento da unidade do “social”, seus componentes de ordem, e que inclui a linguagem, aparece em Luhmann e nos escritos de Wittgenstein. Ambos se distanciam da ideia de sujeito transcendental fenomenológico e partem da suposição de que a descrição da experiência por meio da interpretação é apenas uma descrição indireta. Como afinidades, ambos tomam como premissa inicial a complexidade da sociedade em suas respectivas áreas de conhecimento e da importância dos “jogos de linguagem”, ao tratar-se de uma estrutura dinâmica cuja estabilidade pode ser conseguida através de uma instabilidade cotidiana e cujos indivíduos desempenham um papel secundário.

Na tentativa de comparação sobre as coincidências entre a sociedade e a linguagem e a noção de antologia, Iriarte López (2010) analisa a obra de Luhmann em suas críticas nos princípios da linguística de Saussure de assumir a linguagem como um sistema. Não obstante, uma leitura cuidadosa das publicações de Luhmann em que faz referência a linguagem é possível perceber seu pressuposto que a linguagem não tem uma forma específica de operação, mas em seus aspectos funcionais, ao permitir o acoplamento estrutural. A tentativa se reduz ao estabelecer um diálogo, tendo como ponto em comum o “jogo de linguagem” ou modos de utilizar os sinais, sem entrar em questões ontológicas mais profundas. Embora Wittgenstein dissolva o eu, não elimina a noção do sujeito mas oferece uma concepção diferente, ao mostrar o objeto envolvido com

a linguagem e sintetizar o solipsismo transcendental com o realismo empírico e as preposições de existência de outras mentes.

Aparecem pois, certos aspectos coincidentes entre Luhmann e Wittgenstein. Como alternativa ao problema de definição específica da consciência na teoria de Luhmann, tem procurado respostas na ideia de consciência formada pelas condições sociais do ser humano, tentando-se estabelecer um nexos entre consciência e sistema autorreferencial (FISCHER-LESCANO, 2011). Esta opção se sustenta em um realismo material ingênuo, que reflete a realidade subjacente como um agregado de representações ideológicas criadas pela mente através das relações exclusivamente econômicas e estruturas existentes em uma sociedade inspirada em alguns dos conceitos neomarxistas. Tem-se mostrado como um caminho de diálogo pouco frutífero e limitado devido ao entendimento da consciência formada por uma essência das condições materiais.

## 2. O nexos entre sociedade, organizações e “o humano”

Consideramos conveniente em primeiro lugar apresentar as descrições de “sujeito” e o “ser humano” nos respectivos enfoques teóricos, ao ser utilizados habitualmente, embora com diferentes semântica e atribuições. Iniciamos esta seção com a descrição que oferece a teoria dos sistemas autorreferenciais de Luhmann. Em seguida o identificaremos nas teorias pós-luhmannianas e pós-estruturalistas.

A teoria de sistemas autorreferenciais de Luhmann é amplamente conhecida e analisada pelos especialistas, sobre sua descrição e posição hierárquica do ser humano (desontologização do social). Sua hipótese principal aparece em várias passagens de sua obra: “que os indivíduos específicos pertencem ao *meio* do sistema da sociedade” (1993). Em diversas publicações de sua obra reitera: “a sociedade não é a humanidade” e referindo-se ao sujeito comunicativo, ao movê-lo do centro da observação: “não é a humanidade senão um sistema de comunicação” (LUHMANN [1984] 1998, p.81). Em muitas partes de sua obra repetem-se referências similares e explícitas de sua hipótese:

“descartamos (...) de que a consciência seja um objeto” (Ibid., p. 207).

Em *Soziale Systeme*<sup>4</sup>, já adianta que quem procure sua teoria, deve “livrar-se” de qualquer intenção antropológica ou ontológica: “o ser humano não é a medida da sociedade; é necessário descartar esta velha ideia do humanismo” (LUHMANN, 1984, p.221). Esta postura se mantém em sua obra mais tarde: “não haverá um sistema vivo como o *Kósmos* de Platão e nem um sistema consciente como o espírito de Hegel” (LUHMANN, 1998, p.30). Com isso, o ser humano deixa de estar no centro da sociedade e da observação, para passar a fazer parte do meio. Em síntese, a sociedade é definida sem um centro (e, portanto, “multicêntrica”). Relega o assunto ao ambiente, substituindo-o como medida e unidade central da sociedade. Esta decisão não tem estado livre de polêmicas entre os sociólogos. Porém, como veremos no debate neosistêmico, tem aparecido publicações que propõem uma releitura e nova construção sistêmica hierárquica.

A premissa inicial de Luhmann já estabelece com clareza seu ponto de vista da ideia de “o humano”. Nas organizações, a diferença das antigas “não se morre, e quando ocorre, o evento é entendido organizacionalmente” (LUHMANN, 2010, p.114). Com este exemplo quer demonstrar que na política organizacional a ideia do “humano” se limita a um significado “ideológico ou compensatório” (Ibid., p.115) descartando com ele qualquer referência antropológica ou ontológica. Para dar um significado a sua premissa, propõe encontrar conceitos adequados que possam explicá-lo. Não é o único pensador que usa algumas dessas premissas, já que entre o pós-estruturalismo, Lyotard (1983) também direciona sua obra nesta compreensão.

A teoria de sistemas de Luhmann se caracteriza por sua radicalidade neste sentido, ao considerar que as organizações podem existir: “sem que um indivíduo, segundo sua autocompreensão, se beneficie com ele” (Ibid., p.114). Em sua hipótese o sujeito é dado como certo, como a memória psíquica do indivíduo ao aparecer na organização como “uma ficção”. O sujeito é substituído pela comunicação, ao ser tal meio de comunicação o que organiza os motivos da participação na organização. Para superar o atrito que aparece em sua teoria entre a ideia de indivíduo e os sistemas sociais

<sup>4</sup> Em que reafirma seu giro autopoietico, *Soziale Systeme. Grundrisse einer Allgemeinen Theorie* (1984). Edição em português, *Sistemas sociais. Esboço para uma teoria geral*, 2016.

organizados (organizações) propõe nas observações sobre as organizações incluir a coordenação mútua dos conceitos de funcionais de *pessoa, motivos, consenso e integração*.

### 3. O debate atual neosistêmico e pós-estruturalista

Vimos a heterogeneidade de publicações e contribuições que podem ser chamadas de pós-luhmannianas. Neles emergem várias questões e paradoxos de forma transversal: a ação, a possibilidade de conceder à consciência do sistema uma autonomia e, com ela, uma capacidade autorreferencial (VIDAL, 2020), os limites do “fechamento operativo” (WILLKE, 2008), os limites dos sistemas de interação e o delineamento de sistemas de interação de longo prazo (VIDAL, 2021), tempo e novas tecnologias (CALISE, 2013) No entanto, com poucas exceções, a maioria das publicações se limitou a apresentar o sociólogo ou descrever sucintamente o trabalho de Luhmann, ou a descrever alguns de seus conceitos, cujo resultado tem sido pouco progresso em sua teoria.

A inclusão só de um sujeito vivo (e portanto desprovido de consciência) mas do reconhecimento de um ser humano com os atributos desenhados pelos princípios básico da fenomenologia social e do interacionismo simbólico (Berger e Luckmann) poderia possibilitar uma aplicação mais ampla de uma teoria sistêmica reflexiva sobre os fenômenos e problemas que aparecem nas organizações neste momentos, e portanto também, algumas possibilidades observacionais que superam as restritas apenas a comunicações intersistema ou sistema/médio como defende a teoria de sistemas autorreferenciais.

A ótica pós-estruturalista destaca a diferença entre indivíduos humanos (entendidos como “entidade animadas”), “atuantes” (tanto indivíduos humanos como atores sociais) (Latour) e atores não humanos referidos como “entidades inanimadas” ambas as ideias fazem parte do *frame* teórica da ANT. As correntes que dialogam com a concepção neo-sistêmica, e em especial com as pós-estruturalista, o conceituam e os comparam como “coisas e objetos vivos” (*Actor Network Theorie*), “atuantes” (deconstruções de Derrida), outros o situam na periferia do sistema social e desprovido de qualquer referência antropológica (teoria autopoietica de Niklas Luhmann) atribuindo-lhe também um papel “passivo” frente as instituições e

organizações (neoinstitucionalismo). Estas concepções têm consequências teóricas e metodológicas para as TO.

Para Latour e Callon (1986), não existe de antemão um mundo das “coisas” e um mundo dos homens, já que a natureza e a sociedade são efeitos da existência de redes heterogêneas. Propõem o princípio de “simetria” que afirma que dualismos como natureza/sociedade ou humano/não humano devem também ser colocados entre parênteses. A conclusão é que se desenhe uma “sócio-natureza em que se ligue humano e não humanos, que permita “construir novas redes de associações” (CALLON; LATOUR, 1990, p.25). Esta opção se traduz a ANT. Aqui a noção do “social”, aborda como uma rede heterogênea formada não só por pessoas humanas, mas também por não humanas “coisas”, em que as comunicações e os objetos são o meio da comunicação.

Novos estímulos cada vez mais frutíferos provem da ótica pós-luhmanniana. Temos selecionado alguns representantes das correntes com maior influência no *frame* da TO tanto pelo número de publicações como por sua capacidade teórica explicativa. As identificamos aqui segundo os critérios de premissas sobre a reformulação da sociedade, conceitos chave, aplicação na teoria organizacional e a visão do ser humano não na arquitetura teórica. Incluímos aqui Pierre Bourdieu dadas algumas semelhanças semânticas entre os conceitos de campo e sistemas.

Nesta análise em certa forma comparativa temos estabelecido a finalidade e as regras ou o procedimento em que realizaremos esta exposição entre diferentes autores e correntes. Por um lado, assumimos a proposta de “reconstrução imanente” de uma teoria em que os axiomas ou conceitos de teorias que estão em concorrência e em que notamos suas possíveis inconsistências já diagnosticadas por Popper (1973). Por outro lado, propomos analisá-las a partir de um ponto de vista externo, em que assumimos um ponto de vista externo e formulamos a capacidade explicativa do fenômeno de cada uma destas teorias. Neste caso assumimos como fenômeno a descrição do humano numa perspectiva sistêmica com o delineamento inicial de autopoiese comunicativa (VIDAL, 2017).

Para alcançar estes objetivos temos selecionado três variáveis substantivas entrelaçadas em si: 1) premissas sobre a reformulação da sociedade. Não queremos dizer que a descrição do respectivo conceito de sociedade tem implicações para as teorias organizacionais; 2) a

aplicação na teoria organizacional e por último; 3) como estes axiomas ou paradigmas incidem na visão do ser humano na respectiva arquitetura teórica. Esta relação nos facilitará um melhor entendimento das correntes entre sua concepção de sociedade e a ideia de ser humano nas respectivas arquiteturas teórica (Quadro 1).

Quadro 1. Contribuições sistêmicas autorreferenciais e neosistêmicas relevantes para as teorias organizacionais.

	Premissas sobre reformulação da sociedade	Aplicação na teoria organizacional	Visão do ser humano ou pessoa em sua arquitetura teórica
Niklas Luhmann	Superação da sociedade burguesa. Aumento da diferenciação da sociedade. Reconhecimento da complexidade. A teoria deve ser um instrumento para reduzir a complexidade	Organizações como motores de solução de problemas. Capacidade de criar estruturas próprias de sistemas (auto-organização) Decisões como operação fundamental das organizações. Decisões com base em expectativas.	Autopoiese da consciência e do sujeito psíquico. “pessoa” como participante potencial nas comunicações de um sistema. Reconhece a existência do sistema consciência e sistema psíquico.
Pierre Bourdieu	As organizações se inserem em um campo configurado por um conjunto de relações objetivas entre posições historicamente definidas	O campo do poder e do espaço das relações de força entre os diferentes tipos de capital ou entre os agentes que estão suficientemente previstos dos tipos de capital para estar à disposição para dominar ao campo correspondente.	Existência na mente individual. Habitus como o sistema de disposições que tem os indivíduos. Inculcação de estruturas sociais objetivas na experiência subjetiva.
Armin Nassehi	Organizações formais como constituintes da sociedade moderna Questão central: qual é o problema condicionante da sociedade que se resolve pela formação das organizações?	Organizações como máquinas de decisão	Distanciamento do conceito de transcendentalidade fenomenológica de Husserl. Ontologização do corpo.
Dirk Baecker	Sociedade em rede. A organização da sociedade futura é <i>Kenogramatical</i> . Define espaços vazios que em qualquer momento podem ser ocupados de outra maneira.	A investigação do <i>management</i> pode ser tratada por novas formas teórica e empiricamente fundamentadas. As teorias procedentes das ciências sociais e da filosofia são as mais adequadas, pois permitem fornecer seus pontos de vista respectivos no âmbito da gestão.	Redes compostas por objetos e seres vivos sem definir exatamente se trata-se de seres humanos.
Marcelo Arnold	Coexistência simultânea de múltiplos universos de significado embora contraditórios no espaço social e humano, cada um dos quais pode constituir um domínio institucionalizado.	A organização se articula em estruturas pragmáticas (tarefas, trabalhos, redes, posições hierárquicas) definidas em sua própria comunicação de decisões, orientadas a metas, e não embasada em pessoas.	Complementariedade entre objetiva social e subjetiva social. A realidade não tem existência independente do sujeito-observador (construcionismo)
Hellmut Willke	Visão “policêntrica” sistêmica. Existência de algumas unidades autônomas em que o consenso sobre o fundamento de uma dissidência basal é possível	Orientação sistêmica contextual	As pessoas como agentes dos sistemas funcionais. Unidades autônomas e atores



	Premissas sobre reformulação da sociedade	Aplicação na teoria organizacional	Visão do ser humano ou pessoa em sua arquitetura teórica
Rudolf Stichweh	Três inovações estruturais	Emergência de sistemas funcionais diferenciados e organizações como inovações decisivas para a sociedade mundial	As pessoas como agentes dos sistemas funcionais. Ato comunicativo individual

Fonte: elaboração própria.

Com a clara exceção de Pierre Bourdieu, os autores expostos têm como nexos comuns o enfoque funcionalista das organizações, ao não descrevê-las em seus aspectos normativos ou estruturadores da ação social e humana mas estritamente funcionais. Vale recordar a hipótese central em que se apoiam: “as organizações não são sistemas que realizam objetivos, mas sistemas em busca de objetivos”. Na seleção proposta nos permite identificar tendências em cada uma das variáveis que resumimos abaixo.

*Primeira, a premissa sobre a reformulação da sociedade.* Para Baecker nos próximos anos, as organizações deverão adaptar-se à sociedade que se organizará de forma policêntrica, *kenogramatical*, e em forma de rede emergente (“auto catalíticas”)<sup>5</sup>. Como *kenogramatical* entende a atribuição de um sentimento subjetivo do indivíduo: “aposta, ri e está desorientado (...) sonha com seu lugar, calcula suas possibilidades e experimenta”<sup>6</sup>. Sem caracterização de forma integral a subjetividade e propõe uma superação da lógica binária comunicativa ou códigos luhmannianos (verdadeiro/falso). Sua proposta se dirige a uma perspectiva lógica polivalente que admite novas dimensões na subjetividade. Por outro lado, o conceito de policontextualidade, significa localizar várias localizações ativas (relações de poder, intercâmbio e coincidência). Para as organizações os processos de substituição do poder e da gestão e de posições estratégicas terá lugar mediante a criação de estruturas paralelas de poder previamente definidas (“estratégia de acesso”, segundo os princípios teóricos previamente definidos).

Por outro lado, Willke enfatiza a auto-organização de uma sociedade, em uma visão “policêntrica” sistêmica que se configura com a existência de unidades autônomas. Neste tipo de sociedade não haverá uma

instância central que possa controlar a direção da orientação social. Em sua hipótese, o controle da direção da orientação tem lugar no jogo mútuo dos atores autônomos afetados. Será necessariamente descentralizada e baseada no processo de reflexão e coordenação de sistemas funcionais independentes. Apenas um interesse mútuo na cooperação e a expectativa de um ganho emergente em um jogo de soma positiva irá lançar um processo caracterizado pelas mudanças nas condições de relação entre cooperação e conflito, não por uma espécie de resolução em um amplo consenso entre atores.

Willke pressupõe mudanças nas formas de controle vigentes na atualidade para reduzir as aspirações generalizadas de controle, dominação e exercício do poder e orientação da sociedade (descentralização e auto-organização). Porém, estas possíveis práticas não nos impede de dirigirmos a uma sociedade extremamente individualizada, nas palavras de Willke “arreglesela-se”. Uma alternativa em estabelecer uma conexão entre a capacidade de evolução natural com a alegação que surge da especificidade dos sistemas psíquicos e sociais: reforçar a capacidade de auto-organização descentralizada e orientar ao objetivo civilizador que a modernidade não há nem com muito alcançado.

*Segunda, sua aplicação na TO.* As organizações como entidades autorreferenciais e auto organizacionais definiram espaços vagos: “que em qualquer momento podem ser ocupadas de outra maneira. Motiva a um trabalho que unicamente nesse momento não pode ser intercambiável. Se compromete com produtos que oferecem aos clientes, enquanto os liberam” (Baecker). Apesar da influência e complexidade da teoria de sistemas de Luhmann, mostra também limitações que incidem na TO. A ideia de “fechamento operacional”

<sup>5</sup>Ver: Walter Riofrio Ríos, Aproximações aos sistemas complexos. Adaptação e sistemas auto catalíticos, 2003. Em: <http://serbal.pntic.mec.es/~cmunoz11/rioefrio30.pdf>

<sup>6</sup>Baecker, Dirk. *Zukunftsfähigkeit: 22 Thesen zur nächsten Gesellschaft.*

nos sistemas autorreferenciais é um ponto fraco em sua teoria ao aparecer limitações em sua aplicação nas organizações econômicas.

*Terceira, a visão e situação do ser humano na arquitetura teórica.* A arquitetura de Luhmann recorre a diversas referências para a descrição do ser humano. O filósofo Arnold Gehlen é uma de suas fontes. Gehlen se fundamenta no paradigma da evolução, embora não a assuma em sua totalidade (afastando-se das teses de Darwin), ao propor um método dinâmico e não linear nem determinista em que convergem a dimensão funcional, com a biológica e a cultural. Para este filósofo o ser humano se caracteriza por seu caráter essencial, inacabado biologicamente e rodeado de estímulos, “superabundância de estímulos e percepções do tipo animal” (GEHLEN [1940] 1980, p.39). A verdadeira dialética da condição humana está na possibilidade de ser sempre um ser aberto.

Esta situação vem a constituir um fardo. Com a abertura ao mundo necessita de um meio ad hoc, com seus significados, de modo que não é mais do que a sobrevivência. Porém, nestes significados encontra uma descrição negativa ao ser humano. A sobrevivência é o único caminho possível, com o que o homem deve fazer por si próprio e poder viver humanamente. Para as observações nas organizações a des-subjetivização radical do sistema (desontologização) mediante a considerar o sistema consciência como um sistema fechado e limitado a suas operações psíquicas e comunicativas limita o alcance das observações.

São ainda escassas as publicações com enfoques neosistêmicos e pós-estruturalistas em que o assunto não é relegado ou igualado com “coisas” ou “seres vivos”. Ser humano como primeira fonte de todo conhecimento. As organizações como produto e produtoras da sociedade.

A *Actor Network-Theory* (ANT) representada por filósofos sociais como Bruno Latour e Michael Callon constitui um dos pontos de encontro ou nexos entre as contribuições pós-luhmannianas e pós-estruturalistas. Embora ainda, são escassas as tentativas de transferir ou utilizar conceitos da teoria autopoiética na ANT estão se mostrando frutíferos ao mostrar as operações das comunicações entre os nós.

Na lógica da leitura do social a partir do pós-estruturalismo, a ANT fornece uma série de instrumentos conceituais e analíticos para o estudo da sociedade atual e as organizações. Apesar das dificuldades em definir a

ANT como uma teoria, tratando-se, pois, bem de uma perspectiva construcionista e técnica, os pressupostos teóricos de ambos comportam premissas comuns, ao auto definir-se como estrutural-funcionalista e se auto descrever como “alternativas” ao funcionalismo e ao positivismo. Tanto a teoria de sistemas autorreferenciais de Luhmann como a ANT, as acusaram de desumanizar os humanos ao compará-los aos atores não-humanos, a “coisas”.

Apesar de entraves que se apresentam em ambas as teorias, desenvolvimentos recentes mostram as possibilidades de estabelecer um vínculo teórico e operacional entre a teoria de Luhmann e a ANT (WHITE; GODART, 2008; WHITE, 2007), e em especial no âmbito da língua alemã (HOLZER, 2011; REISER-KAPPELLER, 2011; KNEER; NASSEHI, 2000) no âmbito do anglo-saxão da perspectiva neo-estruturalista (BOMMES; TACKE, 2006, p 282; BECKER, 2006; 2015, p.248).

As coincidências na semântica de alguns conceitos e noções entre os pontos de vista teóricos entre Luhmann e White, tem como nexos na premissa inicial entre ambos os pensadores vir de pontos de vistas opostos. Enquanto para Luhmann as pessoas são “construções comunicacionais” que só aparecem no processo de comunicação no médio do sistema. Para White em uma tentativa de superar os dualismos tradicionais da sociologia, ao ser seu suposto básico denominado “imperativo categórico” que rejeita as tentativas de explicar a conduta humana com base em atributos dos atores (individuais ou coletivos).

Embora não exclua suas próprias identidades, seu conceito de *relational sociology*, atribui as redes propriedades fenomenológicas e uma perspectiva relacional, ao serem criadas e formadas por pessoas com capacidade para lhes dar significado. Embora não diretamente vinculado com a ideia autorreferencial de Luhmann, as ideias e noções da racionalidade e comunicação sistêmica tem contribuído e sido aplicadas também a Teoria da decisão, e a *Self organization theory*. Todas elas vêm de uma raiz epistemológica procedente comum (matemática e a física principalmente) e sua aplicação nos campos das ciências sociais tem sido significativo, sendo sua procedência maioritária de antropólogos e sociólogos franceses e britânicos.

O resultado deste processo de diálogo e aproximação mediante novas leituras das respectivas raízes epistemológicas, possibilita referir sobre a

existência de teorias neosistêmicas e neoconstrutivistas. O resultado disso tem sido frutífero para contribuir nas observações nas organizações com contribuições advindas de vários campos do construtivismo (Deleuze; Watzlanick; Krieg).

Como temos visto, que para Luhmann as pessoas são “construções comunicacionais” que só aparecem no processo de comunicação do médio do sistema. Por outro lado, White trata de uma tentativa para superar os dualismos tradicionais da sociologia e propõe o pressuposto básico de “imperativo auto categórico”. Esta tentativa de explicar a conduta humana rejeita as tentativas de explicá-la com base nos atributos dos atores (individuais ou coletivos), embora sem excluir suas próprias identidades. Em uma perspectiva relacional ao serem criadas e formadas por pessoas com capacidade de dar-lhes significado. São diversos os argumentos, que a partir da perspectiva neosistêmica colocam em questão diferentes fundamentos da teoria das redes. Entres estes destaca-se a supervalorização da ANT e subavalia o poder da observação e da auto-observação como fundamento para a formação de categorias (*Stichweh*).

A fenomenologia social e o paradigma interpretativo têm tido uma importante contribuição na TO. A existência de núcleos de estudos tem possibilitado o aprofundamento sobre a natureza das organizações, mostra este interesse ao levantar perguntas como: o que são as organizações? (NASSEHI, 2005; BOAVA; MACEDO, 2011; GILL, 2014).

Por último, na perspectiva neoinstitucionalista (BRUNSSON; OLSEN, 1993) abriram também possibilidade de diálogo com a teoria neosistêmica. No esquema sistêmico, não foi capaz de responder a concordância entre os sistemas organizacionais e seu médio, ao não ser possível explicá-los apenas por exigências técnicas ou de comunicações mútuas (HASSELBLADH; KALLINIKOS, 2000). O neoinstitucionalismo e suas variantes (sociológica, de escolha racional) tem estado limitado na hora de oferecer uma teoria suficientemente ampla para que possa compreender a racionalidade instrumental das organizações e as relações com os aspectos culturais da sociedade (LUHMANN, 2000) e a contemplação da racionalidade limitada da ação (VIDAL, 2021).

## Reflexões finais

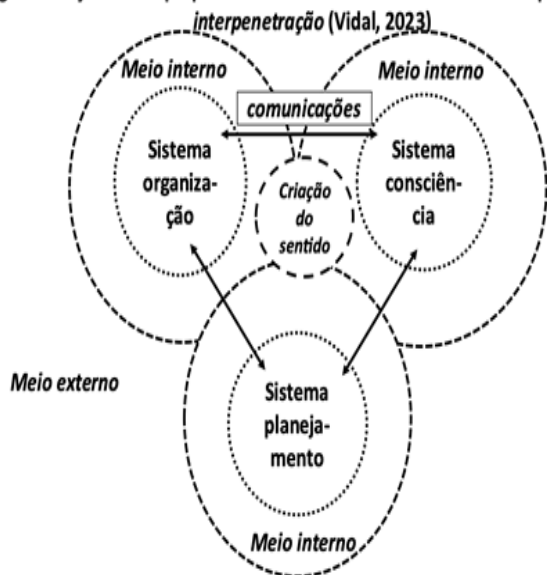
Neste artigo, temos visto como as principais posições teóricas e metodológicas das teorias organizacionais se fundamentam pela definição dos pressupostos meta-teóricos. Na perspectiva sociológica das teorias neosistêmicas temos descrito a definição na perspectiva neoestruturalista o ser humano. Em ambas, as teorias têm sido relegado a uma posição de “ser vivo”, ou colocado na periferia do *frame* teórica.

As publicações internacionais -basicamente em língua alemã- estão dando um salto qualitativo e conceitual no desenvolvimento da teoria sistêmica, embora se concentrem em poucos acadêmicos e universidades. No campo dos países latino-americanos, pesquisadores, principalmente México e Chile, têm feito um esforço intelectual para difundir (também na forma de periódicos) essas teorias e tentar abrir diálogos entre elas. Sua aplicabilidade e observações empíricas nas organizações continuam sendo uma questão pendente.

As premissas sobre a reformulação da sociedade e sua aplicação na TO. A tendência para uma epistemologia de síntese ou as possibilidades de uma convergência conceitual entre algumas correntes pós-luhmannianas e enfoques pós-estruturalistas, em direção a uma perspectiva sistêmica-construtivista está tendo lugar entre conceitos teóricos em suas aplicações nas observações dos fenômenos complexos. Nestas teorias organizacionais esta perspectiva tem sido aplicada em estudos do âmbito da gestão, na reconstrução de organizações como sistemas de distribuição de conhecimento autorregulado (TSOUKAS, 1996) e as organizações entendidas como meta-organizações.

Os diversos enfoques neosistêmicos e pós-estruturalistas coincidem em compreender o ser humano como sistemas vivos, entendidos como “sujeitos”. Salvo poucas tentativas recentes, coincidem em despi-lo de suas atribuições antropológicas. Para os estudos organizacionais esta estratégia epistemológica pode constituir um problema observacional empírico. Na análise meta teórica dos últimos anos sugere-se que o movimento paradigmático atual se caracteriza por ser: “ontologicamente relativista, relacionista epistemologicamente e metodologicamente reflexivo” (HASSARD; COX, 2013, p.1).

Fig. 1. Esboço de uma proposta de vínculo estrutural entre sistemas por meio da



Fonte: elaboração própria.

É evidente que uma teoria normativa não pode aprender como nos lembra Luhmann. Não há necessidade de se renunciar este princípio, mas talvez seja necessário, seguir realizando novas leituras da teoria de sistemas autorreferenciais de este sociólogo para descobrir as possíveis relações comunicativas entre o sistema consciência, e o sistema psíquico, que é dirigida a uma ontologização reflexiva sistêmica.

### Referências bibliográficas

ARNOLD, Marcelo. Las organizaciones desde la teoría de los sistemas sociopoieticos, **Cinta de moebio**, n. 32, p. 90-108. 2008, Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/cmoebio/n32/art02.pdf>> Acesso em 18 setembro 2015.

BECKER, Kai. Luhmann's Systems Theory and Theories of Social Practices. In: SEIDL, David; BECKER, Kai (ed.). **Niklas Luhmann and organization Studies**. Copenhagen: Business School Press, pp. 215-247, 2006.

BAECKER, Dirk. **Zukunftsfähigkeit: 22 Thesen zur nächsten Gesellschaft**. Disponível em: <<https://categories.wordpress.com/2013/07/02/zukunftsfahigkeit-22-thesen-zur-nachsten-gesellschaft/>> acesso em 21 de maio 2016

CALISE, Santiago. Tiempo y nuevas tecnologías desde la perspectiva de la teoría de sistemas, **CTS**, n. 23, v. 8, mayo de 2013, pp. 89-111. Disponível em: <http://www.revistacts.net/wp-content/uploads/2020/01/vol8-nro23-calise.pdf>Revista

CALLON, Michel; LATOUR, Bruno (dir.). **La science telle qu'elle se fait. Anthologie de la sociologie**

**des sciences de langue anglaise**. Paris: La Découverte, 1990.

CHIA, Robert. Organization Theory as a Postmodern Science. In: KNUDSEN, Christian; TSOUKAS, Haridimos (Edit.). **The Oxford Handbook of Organization Theory**, 2005.

FARIAS, Ignacio; OSSANDÓN, José. **Observando sistemas. Nuevas apropiaciones y usos de la teoría de Niklas Luhmann**. Santiago de Chile: RIL editores, 2010.

HANCOCK, Philip; TYLER, Melissa. **Work, Postmodernism and Organization: A Critical Introduction**. London: Sage, 2001.

HASSELBLADH, Hans; KALLINIKOS, Jannis. The Project of Rationalization: A Critique and Reappraisal of Neo-Institutionalism in **Organization Studies**, Organization Studies, v. 21, n. 4, pp. 679-700, 2000.

HASSARD, John; COX, Julie. Can Sociological Paradigms Still Inform Organizational Analysis?, A Paradigm Model for Post-Paradigm Times, **Organization Studies**, v. 0, n.0, pp.1-28, 2013.

HOLMES, Roger. Person, role and organization; some constructivist notes. In: John HASSARD; Dennis PYM, **Theory and Philosophie of Organizations. Critical issues and new perspectives**, p.198-314, 1990.

HUSSERL, Edmund. **Ideas relativas a una fenomenologia pura y a una filosofia fenomenológica**. México: FCE, 1986.

IRIARTE LÓPEZ, Iñaki. Sistemas autopoieticos y juegos de lenguaje. El aire de familia entre Ludwig Wittgenstein y Niklas Luhmann. **Papers. Revista de Sociología**, v. 61, 2000, disponível em: <<http://papers.uab.cat/article/view/v61-iriarte>> acesso 17 maio, 2015.

JACKSON, Norman; CARTER, Pippa. **Rethinking Organisational Behavior: A Poststructuralist Framework**. Prentice Hall/Financial, 2007.

KNIGHTS, David. Organization Theory in the Age of Deconstruction: Dualism, Gender and Postmodernism Revisited, **Organization Studies**, v.18, n.1, Jan/Feb, 1997.

KNIGHTS, David; WILLMOTT, Hugh. **Organizational analysis: essential reading**. South-Western Cengage Learning, 2010.

LUHMANN, Niklas. **Organización y decisión. Autopoesis, acción y entendimiento comunicativo**. Barcelona: Anthropos/Universidad Iberoamericana, 1997.

\_\_\_\_\_. **Organization und Entscheidung.** Opladen/Wiesbaden: Westdeutscher Verlag, 2000.

\_\_\_\_\_. **Interaktion, Organization, Gesellschaft. Anwendungen der Systemtheorie,** 1975.

\_\_\_\_\_. Wie ist Bewusstsein an Kommunikation beteiligt? N. LUHMANN. **Soziologische Aufklärung Bd. 6. Die Soziologie und der Mensch.** Opladen: Westdeutscher, 1995.

\_\_\_\_\_. **Organización y decisión.** Barcelona: Editorial Herder, 2010.

\_\_\_\_\_. **Funktionen und Folgen formaler Organisationen.** Berlin: Duncker & Humblot, 1964.

\_\_\_\_\_. **Ökologische Kommunikation.** Opladen: Westdeutscher Verlag, 1986.

MANIS, Jerome; MELTZER, Bernard (eds.). **Symbolic Interaction: A Reader in Social Psychology.** Boston: Allyn and Bacon, 1978.

NASSEHI, Armin. Sozialer Sinn. In: NASSEHI, A.; NOLLMANN, G. **Bourdieu und Luhmann. Ein Theorievergleich.** Frankfurt a.Main: Suhrkamp, pp. 155-190, 2004.

PARSONS, Talcott. **Structure and process in modern societies.** New York: The Free Press, 1960.

RODRIGUEZ Mansilla, Dario. Niklas Luhmann: Teoría de los sistemas organizacionales. In: MONTERROSA, Alberto, **Aportaciones de Niklas Luhmann a la comprensión de la sociedad moderna.** México: Editorial del Norte/UOC, pp. 79-101, 2015.

SEIDL, David; BECKER, Kai. Organizations as Distinction generating and Processing Systems: Niklas Luhmann's Contribution to Organization Studies, **Organization**, 13(1):9-35, 2006.

STICHWEH, Rudolf. **The Present State of Sociological Systems Theory,** 2005. Disponível em: <[https://www.fiw.uni-bonn.de/demokratieforschung/personen/stichweh/pdfs/37\\_stw\\_the-present-state-of-sociological-systems-theory-2005-2.pdf](https://www.fiw.uni-bonn.de/demokratieforschung/personen/stichweh/pdfs/37_stw_the-present-state-of-sociological-systems-theory-2005-2.pdf)> acesso em: 6 de maio 2015.

\_\_\_\_\_. **Inklusion/Exklusion, funktionale Differenzierung und die Theorie der Weltgesellschaft,** 1998. Disponível em: <[http://www.forschungsnetzwerk.at/downloadpub/inklusion\\_exklusion\\_weltgesellschaft\\_stichweh\\_2000\\_artikel.pdf](http://www.forschungsnetzwerk.at/downloadpub/inklusion_exklusion_weltgesellschaft_stichweh_2000_artikel.pdf)> acesso em: 11 de abril 2015.

TSOUKAS, Haridimos; KNUDSEN, Christian, et al. The need for Meta-theoretical Reflection in Organization Theory. **The Oxford Handbook of Organization Theory,** 2005.

TSOUKAS, Haridimos. False Dilemmas in Organization. Realism or Social Constructivism?, **Organization a debate,** v. 7, n.3, pp. 531-535, 2000.

VIDAL, Josep. Autoopoesis, Autoorganización y Cierre operativo en las organizaciones desde la perspectiva postestructuralista, **Revista Internacional Organizaciones,** v.14, pp. 31-55, 2015a. Disponível em: <<http://www.revista-rio.org/index.php/revista-rio/article/view/178>> acesso em: 6 de maio 2015.

\_\_\_\_\_. De la teoría de sistemas autopoieticos al posestructuralismo: reflexiones para la teoría organizacional, **Revista Internacional Organizaciones,** n. 14, 2015b. Disponível em: <http://www.revista-rio.org/index.php/revista-rio>,

\_\_\_\_\_. Organizaciones en tiempos de incertidumbre: de la seguridad a la contingencia, **Revista Reforma y Democracia,** n. 81, pp. 43-75. 2021.

\_\_\_\_\_. A teoria neosistêmica de Niklas Luhmann e a noção de autoopoesis comunicativa nos estudos organizacionais, **Cadernos EBAPE.Br,** v. 15, n. 2, pp. 274-291, 2017a. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/57480/66320>

\_\_\_\_\_. **Por meio da teoria. Enfoques neosistêmicos e pós-estruturalistas,** Belém, Paka-Tatu, 2017b.

\_\_\_\_\_. Uma observação autorreferencial na Defensoria Pública do estado do Pará, Amazônia, **Organizações e Sociedade,** v. 2, n.1, 2013. Disponível em: <http://revistas.unama.br/index.php/aos/article/viewFile/53/29>

\_\_\_\_\_. **Redescubriendo o asistido. Defensoria Pública do estado do Pará,** vols. 1,2,3,4,5. Belém: DPEP/Idesp, 2010.

WILLKE, Helmut. **Systemtheorie II. Interventions-theorie.** Stuttgart/Jena: UTB-Fischer, 1999.

\_\_\_\_\_. **Systemtheorie entwickelter Gesellschaften. Dynamik una Riskanz moderner gesellschaftlicher Selbstorganisation.** München: Juventa Verlag, 1993.

ZALT, Mayer. A New Paradigm for Organizational Studies, **Contemporary Sociology,** v. 23, n. 6, pp. 864-867, 1994.